

CAOS E RENDENÇÃO: Aspectos messiânicos no pensamento de Benjamin

Luis Cláudio Dallier Saldanha (FADISC) [\(1\)](#)

Resumo

Análise de aspectos do messianismo judaico no pensamento de Benjamin a partir da temática do caos e da redenção. Abordagem do conceito de história, crítica ao progresso, perda da experiência na modernidade e aspectos da linguagem em Benjamin desde a perspectiva das afinidades eletivas entre messianismo e utopia libertária.

Introdução

O caos, experimentado como dimensão não só do pensamento mas da própria existência, manifesta-se singularmente naquele que foi um dos pensadores mais intrigantes do século passado - Walter Benjamin; a quem Adorno [\(2\)](#) se refere como "distante de todas as correntes".

De certo modo, a dimensão do caos (e, às vezes, da destruição), além de fazer parte da vida de Benjamin, o atraía. Linguagens e manifestações artísticas marcadas pelo caos, a conturbada vida moderna e até mesmo obras de autores mentalmente perturbados faziam parte de seu interesse e se constituíram em alvo de investigações. Sua própria trajetória foi vivida dialeticamente em meio a acontecimentos caóticos (culminando com sua trágica morte) e esforços construtivos.

Assim, se por um lado Benjamin (pre)ocupava-se com realidades caóticas e profundamente atingidas pela destruição, por outro, buscava organizar seus escritos numa linguagem criativa, coesa e ordenada; e demonstrava a busca de um ordenamento ou sistematização em atividades como a de colecionador [\(3\)](#).

Não obstante o interesse que esses aspectos possam levantar, este trabalho se propõe, no entanto, a ocupar-se mais detidamente do caos em outra dimensão.

Colocando entre parênteses a experiência do caos na história de vida desse filósofo pertencente à Teoria Crítica, quer se destacar aqui particularmente o pensamento de Benjamin, a fim de se identificar aspectos que contribuiriam para uma apreciação filosófica do caos e das respostas frente a ele.

Um modo que parece adequado para aproximar-se do pensamento de Benjamin seria o de abordá-lo em suas nuances e diversidades, percebendo-o como uma reflexão, a respeito da modernidade, que se caracteriza por ser multifacetada e, por

vezes, conflitante; sendo tributária, portanto, de um contexto histórico marcado pelo caos e sentimento de catástrofe iminente.

Messianismo judaico e utopias libertárias

Numa relação que Löwy (1990b) designa como uma autêntica "afinidade eletiva", é possível identificar em Benjamin que o messianismo judaico e as utopias revolucionárias e libertárias dialeticamente se interseccionam e se mantêm em tensão.

Essa relação entre a dimensão messiânica judaica e a dimensão utópico-libertária, ainda que não seja a única forma de se encarar o pensamento e história de Benjamin, pode evitar alguns reducionismos e debates que propõem a opção entre um Benjamin ligado ao materialismo histórico ou um Benjamin da teologia secularizada.

Para além da polémica que opõe um Benjamin marxista a um outro Benjamin teólogo-místico-judaico, deve-se considerar que seu pensamento não é redutível a categorias e classificações sistemáticas.

Tem-se insistido que abordar o pensamento de Benjamin a partir de uma vertente judaica ou de uma marxista seria incorrer em um erro que não contempla a idéia de uma *Zweigleisigkeit*, um itinerário ou procedimento duplo que, levando em conta as contradições e idiossincrasias benjaminianas, evitaria uma leitura que pendesse para o lado do marxismo e da política ou da teologia e até da hermenêutica (MISSAC, 1998, p. 36-8).

Assim, ao se abordar aqui o aspecto messiânico no pensamento de Benjamin, no tocante ao tratamento da temática do caos e da redenção, está se considerando que a dimensão messiânica, por um lado, não é o único viés para a leitura da obra benjaminiana e, por outro lado, é uma dimensão que deve ser entendida a partir de uma afinidade eletiva que, ao invés de negar os conflitos e irreduzibilidades, procura manter a tensão dialética presente na vida e pensamento de Benjamin.

Scholem (1978), que liga o messianismo [\(4\)](#) à anarquia, fala de um apocalipse secularizado e teoria da catástrofe para se referir à presença de elementos judaicos no pensamento de autores como Benjamin, Adorno e Marcuse.

Para Löwy (1990b), Benjamin "concentra em si as contradições (ou tensões) entre teologia judaica e materialismo marxista, assimilação e sionismo, comunismo e anarquismo, romantismo conservador e revolução niilista, messianismo místico e utopia profana". Vê-se, desse modo, que o conflito ou a tensão é marca indelével do pensamento de Benjamin. Até mesmo seu messianismo é ao mesmo tempo de fonte romântica alemã e judaica, contendo "uma potente carga apocalíptica, catastrófica e, mesmo, destruidora".

Na fase em que se aproxima do marxismo e incorpora o materialismo histórico em seu pensamento, é mais problemática a articulação entre a visão messiânica e o

materialismo histórico. É no último escrito de Benjamin, "Teses sobre a filosofia da história", de 1940, que será explicitada a teologia messiânica.

Para Scholem (1994, p. 207-9), mesmo na fase em que Benjamin incorpora o materialismo histórico, não desaparece a dimensão messiânica de seu pensamento, manifestada particularmente num elemento apocalíptico de destruição.

O messianismo judaico em Benjamin pode ser visto como uma teoria da catástrofe. Nessa perspectiva, a redenção messiânica é preparada pela destruição, pela catástrofe revolucionária, e não por um progresso ou desenvolvimento, seja ele individual e místico ou público e histórico. Assim,

o messianismo secularizado do pensamento judeu liberal do século XIX..., com sua idéia de um progresso ininterrupto, de um aperfeiçoamento gradual da humanidade, nada tem a ver com a tradição dos profetas e agadistas, para os quais a vinda do Messias implica sempre um abalo geral, uma tempestade revolucionária. (LÖWY, 1990b, p.135)

Esses aspectos relacionados com o caos, a catástrofe e a destruição apontam, então, para a necessidade de uma redenção; uma nova ordem ou era messiânica instaurada por meio da revolução.

Concepção de História

O messianismo de Benjamin, numa intersecção entre messianismo místico e utopia profana, relaciona-se com uma nova concepção de história, marcada por continuidades e rupturas.

Caos e redenção são aspectos fundamentais para uma aproximação dessa concepção de História em Benjamin, constituindo-se em duas dimensões significativas para a compreensão do próprio pensamento benjaminiano.

Opondo tempo messiânico pleno (*erfüllt*) ao tempo vazio e mecânico, já em seus primeiros escritos, Benjamin fala de um tempo qualitativo que se opõe à concepção perene de tempo que caracteriza a ideologia do progresso moderno.

Benjamin, em seu último escrito, recusa tanto o historicismo como a teoria do progresso. Contrapõe à "historiografia burguesa" e à "historiografia progressista", com suas concepções cronológicas e lineares de tempo, a concepção de "tempo de agora" (*Jetztzeit*), que está alicerçada no messianismo judaico (GAGNEBIN, 1987).

Essa concepção de história não entende o passado como uma cadeia de acontecimentos ou, como o historicista, a partir de uma imagem "eterna" do passado. Para Benjamin (1987a), "o materialista histórico faz desse passado uma experiência única". O passado, visto como "uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína", apresenta "um índice misterioso, que o impele à redenção".

Benjamin (1987a) entende que cada geração tem "uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo" e afirma, ainda, que apenas "a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado".

O lugar da memória (ou da sua "busca", para aludir à obra de Proust) e da rememoração das experiências é significativo para a compreensão dessa concepção de tempo. Por meio da experiência (*Erfahrung*) e da rememoração pode-se redimir o tempo, o passado. Referindo-se à tradição judaica, Benjamin (1987a) afirma, ao final de suas teses "Sobre o conceito de história", que apesar da rememoração desencantar o futuro, "nem por isso o futuro se converteu para os judeus num tempo homogêneo e vazio". Antes, "o futuro carrega dentro de si aquela pequena porta pela qual o Messias pode entrar".

Assim, a redenção messiânica, aliada à revolução, poderá realizar o que o "Anjo da história, preso na tempestade do progresso, é incapaz: deter essa tempestade" (Löwy, 1990b).

Aludindo à abordagem que Benjamin faz da história e do tempo, por meio da alegoria do *Angelus novus*, Jameson (1996, p. 70) sintetiza: "Assim é, em seu aspecto mais pungente, a experiência que Benjamin tem do tempo: um presente de linguagem no limiar do futuro, honrando-o com os olhos desviados na meditação do passado".

Caos e origem

Sem se prender estritamente à questão da concepção de história, um ponto importante no tratamento do tempo no contexto do messianismo judaico é o tema da origem.

No judaísmo, assim como na tradição cristã, as origens remontam ao caos. Na narrativa da Bíblia Hebraica sobre o princípio do mundo, a tradição e teologia judaicas identificam um caos primevo, uma realidade disforme e confusa que é ordenada pela palavra criadora de *Yahweh*. O universo sem forma (*tohu*) e vazio (*vavohu*) dá lugar, por meio da palavra criadora, a um mundo ordenado que se constituirá no próprio paraíso, o mundo edênico.

Não deixa de ser interessante que numa apropriação secularizada dessas imagens bíblicas pertencentes à tradição judaica e, particularmente, ao messianismo (seja como visão restitucionista ou como prefiguração de uma nova era pós-revolucionária) encontre-se, portanto, a idéia de um caos que antecede à ordem, que enseja forças e ações criadoras para que se estabeleça um mundo novo.

Esse aspecto alegórico da origem a partir do caos será, então, um componente da tradição judaica presente como pano de fundo em concepções de caos e redenção em Benjamin.

Crítica ao Progresso como caos

Conforme Löwy (1990a), a associação íntima entre temas messiânicos e utópicos-anarquistas tem sua origem em uma crítica neo-romântica do "progresso": "Utopia, anarquismo, revolução e messianismo estão alquimicamente combinados, e articulados com uma crítica cultural neo-romântica do 'progresso e do conhecimento puramente técnico/científico". Desde seus primeiros escritos, como a tese de doutorado em 1917, Benjamin (2002) realiza uma crítica à ideologia do progresso.

Ainda que muitos identifiquem nos escritos benjaminianos dos anos 30 um certo tecnicismo, visto ser possível uma leitura de "A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica", "O autor como produtor" e "Experiência e pobreza" como excursões no "progressismo", é preciso ponderar que Benjamin não abandona a crítica ao progresso em nenhum momento de sua trajetória.

Sem deixar de reconhecer o progresso e não rejeitando pura e simplesmente a ciência e a técnica, Benjamin insiste na ameaça que representa o mito ou a crença de um progresso técnico e científico que promete colocar o mundo em ordem e resolver os problemas da humanidade.

Benjamin (1983) advoga que o próprio conceito de progresso deve se alicerçar sobre a idéia de catástrofe, que a catástrofe é na verdade a continuidade do estado de coisas tal qual ele identificava em seus dias.

Uma imagem, usada por Benjamin, é explosiva e sugestiva. Ele estabelece a tarefa da revolução, diante do mito fundado num progresso que é contínuo e levaria ao progresso da própria humanidade a partir dos desenvolvimentos técnicos e científicos, como a missão de "cortar a mecha que queima antes que a centelha atinja a dinamite" (BENJAMIN, 1987b). Essa crítica ao progresso não deixa de associar este último à imagem do caos.

A crítica ao mito do progresso é realizada também por meio da figura do Anjo da história, uma alegoria que apresenta esse Anjo impulsionado para o futuro pela força de uma tempestade. Benjamin identifica a tempestade ao progresso, que faz acumular aos pés do Anjo as ruínas e os mortos. Para Löwy (1990b), numa interpretação da figura proposta por Benjamin, "a tempestade afasta a humanidade do Paraíso perdido e o pretense 'progresso' histórico não passa de um imenso campo de ruínas".

Mas deve-se adiantar que a partir da leitura de Benjamin não se tem como alternativa simplesmente rejeitar o progresso por inteiro, apesar da crítica que a ele se possa fazer. Do mesmo modo, apesar de não se querer uma simples volta ao passado e nem abrandar a crítica que a ele se faça, não se pode deixar de vê-lo como uma espécie de antítese ao que está aí, como já observara Adorno (1996, p. 395) referindo-se ao problema da semiformação.

O caos da modernidade e a perda da experiência

As ilusões progressistas, em consonância com o caos do mundo moderno, são o pano de fundo para a crítica que Benjamin faz a uma vida destituída da dimensão da experiência (*Erfahrung*). A perda da experiência está de certo modo relacionada com a automatização e repetição da vida moderna e, particularmente, com as consequências da industrialização.

O caos e a vida fragmentária da modernidade, ainda que permitam a lembrança do que é vivido (*Erlebnis*), não favorecem a experiência que nasce da rememoração. A experiência, como resistência ao progresso e seus males, remete então a um paraíso, a uma "evocação libertadora da experiência perdida" e de uma era pré-capitalista (LÖWY, 1990a).

Assim, diante do caos, a rememoração ou a experiência, que podem inclusive deparar-se com o próprio caos de lembranças e reminiscências, seria uma espécie de interrupção do progresso para a instauração do tempo messiânico.

Desse modo, a busca de Benjamin é a de "tecer relações dialéticas entre o passado pré-capitalista e o porvir pós-capitalista, a harmonia arcaica e a harmonia utópica, a experiência antiga perdida e a futura experiência liberada" (LÖWY, 1990a, p. 103).

A perda da experiência relaciona-se também com a questão da linguagem, uma vez que no mundo moderno ela está aliada aos artefatos tecnológicos, o que acaba provocando um entorpecimento da percepção da realidade. Diante disso, a experiência e a rememoração fazem-se necessárias para que haja a redenção dessa percepção.

Caos e redenção da linguagem

Uma dimensão da relação entre caos e redenção em Benjamin refere-se, como se mencionou, à linguagem. Numa afinidade com o romantismo alemão, Benjamin apresenta uma filosofia da linguagem construída sobre "uma concepção não-instrumental da linguagem e sobre uma teoria soteriológica da crítica e da tradução" (GAGNEBIN, 2002).

Em um de seus primeiros escritos, um ensaio de 1916, "Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana", Benjamin (1971b) contrapõe a imagem do paraíso adâmico, com uma experiência singular de linguagem, à figura da Torre de Babel, com sua confusão de línguas. Esse caos lingüístico, que convive com a nostalgia de uma dimensão lingüística bem-aventurada perdida no paraíso, é terreno fértil para uma concepção messiânica que sustenta a utopia de uma linguagem a ser redimida.

Em "A tarefa do tradutor", Benjamin (1971b) já identificava a era messiânica à reconciliação das línguas.

Essa multiplicidade de línguas e os discursos que se avolumam no mundo moderno conhecido por Benjamin pode nos lembrar o próprio caos no qual o hipertexto, manifestação de uma Babel sem precedentes, está mergulhado.

A profusão de informações e pluralidade de linguagens no ciberespaço se constitui num universo caótico que, enganosamente, parece favorecer de forma inexorável à redenção da cultura e do conhecimento. Mas, deve-se lembrar que o excesso de informação é muito pior que seu contrário. O próprio Benjamin (apud. MISSAC, 1998) chegou a queixar-se um dia de "ter lido demais, de ter pecado por excesso de leitura".

Um outro aspecto da relação entre linguagem e caos refere-se propriamente ao estilo benjaminiano de escrita. Numa relação dialética, encontra-se em sua obra uma tensão entre destruição e criação.

Superando a concepção da linearidade na história, Benjamin igualmente supera o modo de escrita tradicional ligado ao tempo como sucessão ordenada. Entendendo a temporalidade para além da rígida divisão entre passado e presente, ele constrói uma escrita que se vincula a uma temporalidade caracterizada pelo presente efêmero, o agora, como princípio estruturador. Essa escrita se apresenta, então, na forma do aforismo, de fragmentos e de ruínas.

Mais ainda: Benjamin, como Missac demonstra, através do gestus da sua escrita do desastre, deixa para trás toda uma tradição da filosofia e da historiografia fundada no registro da mimesis e da representação. Em vez da crença na divisão estanque entre o passado (que deveria ser documentado) e um presente puro, marcado pela atividade de um indivíduo totalmente presente a si mesmo, Benjamin explode tanto a noção de linearidade temporal como também o modo de escrita tradicional que estava ligado umbilicalmente a esse modelo. (SELIGMAN-SILVA, 1998)

Para Scholem (1994, p. 193), onde o pensamento de Benjamin se apresentava como o de um fragmentista, permanecia uma tendência sistemática. Esta seria uma tendência construtiva que determinava seu estilo, mesmo quando aplicada a fatos ou fenômenos destrutivos. Resistindo à prosa expressionista, a linguagem benjaminiana apresenta um estilo "profundamente incrustado nos processos de uma mente que luta pela ordem e coesão".

Num rasgo de admiração incontida, Scholem (1994) constata que a linguagem de Benjamin, "sem abandonar a profundidade da visão interna, ajusta-se cuidadosa e aconchegadamente ao tema que trata". E acrescenta que "a tensão entre a linguagem das análises ou interpretações de Benjamin e os textos em que estão baseadas é freqüentemente fantástica".

Assim, no caos da realidade que o rodeia, na profusão das linguagens de um mundo moderno e no contexto de discursos carregados de destruição, Benjamin persegue criativa e metodicamente a redenção da palavra.

Ainda sobre a linguagem: caos e surrealismo

A linguagem e a criação artística no Surrealismo podem ser entendidas não só como uma resposta ao caos mas, também, como descoberta das potencialidades revolucionárias da linguagem caótica no contexto da arte.

Diante do caos que a modernidade instaura, a resposta dos surrealistas é vista por Benjamin como um tipo de anarquismo ou "nihilismo revolucionário". Na verdade, Benjamin identifica os surrealistas, com seu "ultrapassamento" da realidade presente por meio de uma atitude revolucionária, com aqueles que interpretam corretamente o espírito do Manifesto Comunista para os dias caóticos do começo do século XX (BENJAMIN, 1983).

Benjamin não hesita em afirmar que os surrealistas cultivam um conceito radical de liberdade.

É importante destacar que Benjamin (1983, p. 83) enxerga no Surrealismo um empenho por "conquistar as forças do êxtase para a revolução", identificando nessa dimensão extática da revolução um componente anárquico. No entanto, adverte que se deve evitar uma concepção não dialética do êxtase, a fim de não se frisar o aspecto extático e assim "dar precedência indevida a uma prática oscilante entre aplicação e festejos preparatórios sobre o preparo metódico e disciplinar da revolução".

Desse modo, as imagens utópicas de uma dimensão além da realidade, que o Surrealismo tenderia a transpor para um passado romântico, são por Benjamin atualizadas e aproximadas do presente, numa tentativa de concretizá-las (MÜNSTER, 1993, p. 71).

Rupturas e continuidades

O paradigma messiânico/restitucionista, que pode ser aplicado à concepção ou filosofia da linguagem em Benjamin, é mais do que a superação entre o bem e o mal, é na verdade a instauração do que é perfeito. Mas vale resgatar aqui o fato de elementos de continuidades e rupturas estarem presentes nessa visão utópica.

Talvez seja pertinente ressaltar que não só o messianismo judaico contribui na formação do pensamento de Benjamin, e outros pensadores judeus que secularizam a perspectiva messiânica. O messianismo cristão também participa desse amálgama de tradições messiânicas e utopias libertárias, ainda que Benjamin tenha sido avesso ao próprio cristianismo.

No contexto do messianismo cristão e, ainda, em formulações teológicas e filosóficas do séc. XX, como a Teologia da Libertação, está presente a concepção de era messiânica ou de redenção que funde as imagens do paraíso e da apocalíptica Nova Jerusalém ou cidade santa. Um retorno ao estado de perfeição encontrado na figura do Jardim do Éden, que se realiza na cidade santa.

Em seus escritos marcados por uma relação com o marxismo, Benjamin incorpora à crítica neo-romântica do progresso uma tensão revolucionária marxista que

desemboca numa oposição entre revolução e "continuidade catastrófica do progresso técnico submetido às classes dominantes" (LÖWY, 1990a, 92-3).

Assim, o porvir edênico, que comporta uma superação das mazelas do progresso, não é retorno total ao início, nem mera assimilação do progresso. A *restitutio in integrum*, expressão da Teologia cristã que comparece em Bloch (1977) e Münzer (1982), é também usada por Benjamin para referir-se à era messiânica que, estando fora da realidade histórica, pode ser dialeticamente favorecida pela dimensão secular ou ordem profana (BENJAMIN, 1971b).

Alegorias do caos e a alegoria como redenção

As alegorias são traço indelével da obra benjaminiana. Na alegoria do autômato e do Anjo da história, nas teses "Sobre o conceito de história", na recorrência às figuras e personagens da narrativa bíblica, em diversos de seus escritos e, até mesmo em uma dedicatória de um livro a amigos, quando se refere ao livro como uma arca construída em meio ao dilúvio da ascensão do fascismo, Benjamin busca o poder que reside na linguagem que não se prende à pretensa objetividade e caráter positivo de verdade.

Jameson (1985), ao chamar a atenção para a dimensão alegórica do pensamento de Benjamin, afirma que ele forma um "conjunto de planos paralelos e descontínuos de meditação". A obra de Benjamin comporta "uma visão de um mundo em ruínas e fragmentos, um caos antigo de não importa que natureza, a ponto de esmagar a consciência".

Para Benjamin (apud. JAMESON, 1996), "as alegorias são, no domínio do pensamento, o que as ruínas são no domínio das coisas".

Essa marca do pensamento benjaminiano, o uso de alegorias para se pensar o caos e, por outro lado, o próprio pensamento caracterizado como descontinuidade e um certo caos (5), aponta para o caráter não doutrinário de sua obra.

Mantendo uma ligação com a tradição judaica, particularmente com a *agada* (6), seu pensamento e obra resistem a uma sistematização definitiva e a um caráter doutrinário. A linguagem carregada de alegorias e imagens ricamente sugestivas seria uma aliada na construção de um conhecimento que não se prende à uniformidade e à noção de obra acabada.

A estreita ligação entre obra e vida na história de Benjamin pode fornecer uma chave para a compreensão do caráter fragmentário de suas produções e, ao mesmo tempo, revelar a paixão ou engajamento pessoal presente no modo como tratava vários de seus temas. Benjamin (1971b) mesmo considerava que "toda paixão beira o caos, mas a paixão do colecionador faz fronteira com o caos da memória".

Finalmente, se o mundo e a realidade são um caos que pode ser criativamente pensado por meio de alegorias, estas podem cooperar no esforço de se buscar a ordem ou, numa linguagem messiânica, perseguir a redenção.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor W. "Teoria da semicultura". Tradução de Newton Ramos-de-Oliveira. Revista Educação & Sociedade, São Paulo, v. 56. 388 - 411. dez, 1996.

BENJAMIN, W., SCHOLEM, G. Correspondência. São Paulo: Perspectiva, 1993.

BENJAMIN, Walter. Iluminaciones. Vol. I. Prólogo, traducion y notas de Jesus Aguirre. Madrid: Taurus Ediciones, 1971a.

_____. Oeuvres. Vol. I (Mythe et violence). Préface de Maurice Candillac. Paris: Denoël, 1971b.

_____. "O surrealismo". In: Textos escolhidos: Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas. 2 ed. Trad. José Lino Grünnewald et el. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os pensadores)

_____. Obras escolhidas. Vol. I (Magia e técnica, arte e política). São Paulo: Brasiliense, 1987a.

_____. Obras escolhidas. Vol. II (Rua de mão única). Trad. e orf. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987b.

_____. O conceito de crítica de arte no romantismo alemão. Trad., introdução e notas Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 2002.

BLOCH, Ernst. L'esprit de l'utopie. Paris: Gallimard, 1977.

GAGNEBIN, J. M. Walter Benjamin ou a história aberta. In: BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Vol. I (Magia e técnica, arte e política). São Paulo: Brasiliense, 1987a.

_____. Apresentação. In: BENJAMIN, W. O conceito de crítica de arte no romantismo alemão. Trad., introdução e notas Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 2002.

HENNING, Günther. Walter Benjamin zwischen marxismus und theologie. Olten: Wolter Verlag, 1974.

JAMESON, F. Marxismo e forma. São Paulo: Hucitec, 1985.

LÖWY, Michel. Redenção e utopia. São Paulo: Companhia das Letras, 1990a.

_____. Romantismo e messianismo. São Paulo: Perspectiva, Edusp, 1990b.
(Coleção debates, vol. 234)

MISSAC, Pierre. Passagem de Walter Benjamin. São Paulo: Iluminuras, 1998.

MÜNSTER, Arno. "Ernest Bloch e Walter Benjamin: afinidades e diferenças a propósito da interpretação messiânica da história". In: _____. Ernest Bloch: filosofia da práxis e utopia concreta. São Paulo: Editora da Universidade Paulista, 1993.
(Biblioteca básica)

MÜNZER, Thomas. Thomas Müntzer (1490-1525) : écrits théologiques et politiques, lettres choisies. Lyon: Presses universitaires de Lyon: 1982.

SCHOLEM, Gershom. A mística judaica. São Paulo: Perspectiva, 1972.

_____. Fidélité et utopie: essais sur le judaïsme contemporain. Paris: Calmann-Lâevy, 1978.

_____. O Golem, Benjamin, Buber e outros justos: Judaica I. São Paulo: Perspectiva, 1994.

_____. Nome de Deus, a teoria da linguagem e outros: Judaica II. São Paulo, Perspectiva, 1999.

SELIGMAN-SILVA, Márcio. Notas In: MISSAC, Pierre. Passagem de Walter Benjamin. São Paulo: Iluminuras, 1998.

[\(1\)](#) Doutor em Educação (UFSCar), Mestre em Língua Hebraica e Literatura e Cultura Judaicas (USP) e membro do GEP "Teoria Crítica e Educação" (UFSCar).

[\(2\)](#) Título do texto que Adorno escreve sobre Walter Benjamin publicado no Le Monde de 31 de maio de 1969.

[\(3\)](#) Essa busca pela ordem não elimina o aspecto fragmentário da obra benjaminiana e a pluralidade de suas fontes.

[\(4\)](#) Scholem (1972, 1999) procura demonstrar que o messianismo nasce de uma visão histórica, de experiências e embates históricos, opondo-se por vezes à própria tradição e às fontes bíblicas. Assim, o messianismo judaico tem um caráter multiforme, podendo assumir formulações teóricas conservadoras ao longo da história, ao mesmo tempo em que se apresenta como crise e conflito com a tradição ao partir para o engajamento e vivência histórica.

[\(5\)](#) Em carta ao amigo Scholem, Benjamin (1993, p. 157) chega a afirmar: "... sempre escrevi de acordo com minhas convicções e nunca tentei expressar a agitada e contraditória totalidade que constitui a minha convicção em toda a sua

pluralidade - a não ser em um ou outro caso extraordinário e nunca de outra forma que não fosse oral".

[\(6\)](#) Expressão hebraica que pode ser traduzida estritamente como "narrção", mas que num sentido mais amplo refere-se à parte do Talmud que, não constituindo leis e ordenanças (a halakha), consiste em narrativas, lendas e interpretações alegóricas.